

## BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

ISSN 0006-6079

O **Boletim Paulista de Geografia** é editado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Local São Paulo.

Os trabalhos exprimem as opiniões dos respectivos autores e não necessariamente da AGB-SP ou dos editores do **BPG**.

**DIAGRAMAÇÃO:** Xamã

**ORGANIZADORES:** Sônia Maria Vanzella Castellar, Gislaine Batista Munoz

**CONSELHO EDITORIAL:** Alvanir de Figueiredo, Ana Fani Alessandri Carlos, Ana Maria Marques Camargo Marangoni, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Armen Mamigonian, Eva Alterman Blay, Gil Soderro de Toledo, João José Bigarella, José Pereira de Queiroz Neto, José de Souza Martins, Juergen Richard Langenbuch, Luis Augusto de Queiroz Ablas, Lylían Coltrinari, Manoel Fernando Gonçalves Seabra, Marcelo Martinelli

**DIRETORIA DA AGB-SP (2010-2012):** Diretora: Sonia Maria Vanzella Castellar; Vice-Diretor: Carlos Carriel Castro; 1º Secretário: Luisa Cruz de Melo; 2º Secretário: João Victor P. de Oliveira; 1º Tesoureiro: João Rodrigues de Souza Filho; 2º Tesoureiro: Camila dos Reis Cunha; Coordenador de Publicação Manoel Fernandes Sousa Neto; Coordenador de Biblioteca: Léa Manerinha Malina; Coordenador de Divulgação: Eduardo Luiz Damiani Cartini; Coordenador de Intercambio: Elisa Fávaro Verdi

**AGRADECIMENTO ESPECIAL:** A todos aqueles que contribuíram financeiramente para a publicação desta edição.

Os artigos publicados no Boletim Paulista de Geografia são indexados por: Geo abstracts, Sumários Correntes Brasileiros e Geodados: <http://www.dge.uem.br/geodados>.

Pede-se permuta - On demande l'échange - We ask for exchange  
Piedese canje - Man bittet um Austausch - Si richiede lo scambio

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação vigente.

# BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

Copyright 2010 - Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB)

É proibida a reprodução parcial ou integral,  
sem autorização prévia dos detentores do copyright

---

Serviço de Biblioteca e Documentação da FFLCH/USP  
Ficha catalográfica: Márcia Elisa Garcia de Grandi CRB 3608

Boletim Paulista de Geografia / Seção São Paulo - Associação dos  
Geógrafos Brasileiros. - nº 1 (1949) - São Paulo: AGB, 1949.

Irregular

Continuação de: Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros

ISSN 0006-6079

1. Geografia 2. Espaço Geográfico 3. História do Pensamento  
Geográfico.

I. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Seção São Paulo.

---

CDD 910

Impressão: Xamã Editora

# BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA

NÚMERO 90 SÃO PAULO - SP SET. 2010

## VOLUME II

### PESQUISA EM EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

#### APRESENTAÇÃO

.....5

#### ARTIGOS

MARCOS ANTÔNIO CAMPOS COUTO .....11

#### AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

MARÍA VICTORIA FERNÁNDEZ CASO.....25

#### ACTORES Y DISPOSITIVOS DE LA CAPACITACIÓN DE DOCENTES DE GEOGRAFÍA: APUNTES PARA LA CONSTRUCCIÓN DE UNA AGENDA DE LA FORMACIÓN CONTINUA

ANTONIO CARLOS CASTROGIOVANNI; IVAINÉ MARIA TONINI; NELSON REGO; NESTOR ANDRÉ  
KAERCHER.....37

#### A GEOGRAFIA ESCOLAR: A FORMAÇÃO E A PRÁTICA DE SEUS PROFESSORES

NUBIA MORENO LACHE ; ALEXÁNDER CELY RODRÍGUEZ .....47

#### PENSAR LA GEOGRAFÍA ESCOLAR: INDAGACIONES, TENDENCIAS Y RETOS

RAFAEL STRAFORINI.....65

#### ATELIÊ DE PESQUISAS E PRÁTICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA - UFRJ

MARÍA RAQUEL PULGARÍN SILVA.....77

#### LA DIDÁCTICA DE LA GEOGRAFÍA UNA PREOCUPACIÓN RECIENTE EN EL CONTEXTO DE LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA COLOMBIANA.

ROSANGELA DOIN DE ALMEIDA.....	97
<b>PESQUISAS EM CARTOGRAFIA ESCOLAR</b>	
SANDRA MENDONÇA; ALOYSIO M. DE ARAÚJO JÚNIOR .....	109
<b>NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ENSINO DE GEOGRAFIA (NEPEGE) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA</b>	
SÉRGIO CLAUDINO .....	119
<b>A GEOGRAFIA: ENSINO E INVESTIGAÇÃO DIDÁTICA NUM PAÍS EUROPEU PERIFÉRICO</b>	
SILVIA APARECIDA DE S. FERNANDES .....	137
<b>FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO DE GEOGRAFIA: UM RELATO DE PESQUISA</b>	
SONIA MARIA VANZELLA CASTELLAR .....	149
<b>ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E INTERDISCIPLINARIDADE: O GRUPO “EDUCAÇÃO E DIDÁTICA DA GEOGRAFIA: PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES”</b>	
VALÉRIA DE O. ROQUE ASCENÇÃO; ROBERTO CÉLIO VALADÃO .....	167
<b>AS ABORDAGENS DO RELEVO E SUAS DINÂMICAS POR PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL: O CONHECIMENTO DO CONTEÚDO</b>	
VERÔNICA HOLLMAN.....	179
<b>LA CUESTIÓN AMBIENTAL Y LA EDUCACIÓN DE LA MIRADA EN GEOGRAFÍA</b>	
WENCESLAO MACHADO DE O. JÚNIOR .....	191
<b>CULTURA VISUAL E ESPAÇO: LINHA DE PESQUISA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS AUDIOVISUAIS (OLHO)</b>	

## APRESENTAÇÃO

Prezados leitores,

É com muita honra que apresentamos algumas das principais contribuições de pesquisadores da Rede de Investigação em Didática da Geografia ao Colóquio Internacional de Investigadores em Didática da Geografia, realizado na Universidade de São Paulo (USP, Brasil) no mês de junho de 2010. O Colóquio foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/ Programa de Apoio a Eventos no País (Capes/Paep), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). O recurso financeiro obtido para tal evento tornou possível o encontro de 17 grupos de pesquisa das universidades brasileiras vinculados a programas de pós-graduação; 3 programas de pós-graduação de universidades colombianas; das Universidades de Buenos Aires, Academia Humanista do Chile, de Lisboa e de Los Andes da Venezuela; e, ainda, a participação de professores da rede pública de vários estados do Brasil e alunos de pós-graduação.

A história que antecede este evento e sua realização justificam-se pela necessidade de consolidar projetos de pesquisa em andamento e que ocorrem a partir de parcerias com algumas universidades de países da América Latina, bem como de fortalecer uma rede de pesquisa de educação geográfica e didática da Geografia no Brasil.

No contexto do encontro de saberes e inquietações suscitadas no XI Encontro de Geógrafos da América Latina (Egal), realizado na cidade de Bogotá, Colômbia, de 26 a 30 de março de 2007, organizou-se a Rede Latino-Americana de Pesquisadores em Didática da Geografia (Redladgeo), com a finalidade de criar espaços presenciais e virtuais para apresentar resultados de pesquisas acadêmicas e organizar projetos de investigação em conjunto para fortalecer, nos países de origem, a linha de pesquisa em ensino de Geografia/

CASTELLAR, S. M. V. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de Geografia. In: CASTELLAR, S. M. V. (Org.). *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 38-50.

CAVALCANTI, L. de S. *A construção de conceitos geográficos no ensino: uma análise de conhecimentos geográficos de alunos de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental*. 1996. 295f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.

FERNANDES, E. M. A grelha de repertório. In: FERNANDES, E. M. et al. *Métodos e técnicas de avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos em Educação e Psicologia, 2001. p. 77-107.

LEÃO, V. *A influência das diretrizes curriculares nacionais do Ministério da Educação e Cultura para a formação de professores de Geografia da educação básica em nível superior*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-7KUHPL>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

PIAGET, J.; INHELDER, B. *A representação do espaço na criança*. Tradução Bernadina Machado de Albuquerque. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SHULMAN, L. S. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. *Revista de currículum y formación del profesorado*, Santiago de Chile, v. 9, p. 1-30, 2005. Disponível em: <<http://www.ugr.es/local/recfpro/Rev92ART1.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. Conocimiento y enseñanza. *Revista Estudios Públicos*, Santiago de Chile, v. 83, p. 163-196, 2001.

\_\_\_\_\_. Those who understand: knowledge growth in teaching. *Educational Researcher*, Washington, DC, v. 15, n. 2, p. 4-14, 1986.

SOUZA, C. *Geomorfologia no ensino superior: interessante, mas difícil! Por quê? Uma discussão a partir dos conhecimentos e das dificuldades entre graduandos de geografia IGC/UFMG*. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-7SAPFR>>. Acesso em: 18 jun. 2011.

## LA CUESTIÓN AMBIENTAL Y LA EDUCACIÓN DE LA MIRADA EN GEOGRAFÍA

Verónica Hollman\*

### RESUMEN

El campo de circulación de las imágenes y los contextos de encuentro con ellas, se amplían y diversifican en el mundo contemporáneo. En muchos casos, particularmente para los niños y jóvenes, los contextos de visualización ya no se circunscriben exclusivamente a la escuela y a las clases de Geografía. Nos preguntamos, qué rol le cabe a la Geografía escolar en relación a las imágenes, específicamente a las que acercan diversas temáticas ambientales a las nuevas generaciones. En otras palabras, en un período de gran producción y circulación de imágenes sobre temas ambientales ¿Qué puede aportar la Geografía escolar a los jóvenes para que el encuentro con estas imágenes sea más rico, plural y fructífero a nivel personal y colectivo?

PALABRAS CLAVES

AMBIENTE- IMÁGENES- CULTURA VISUAL- ENSEÑANZA

### ABSTRACT

Images as well as screens of visualization have diversified and increased nowadays. As a consequence new generations' visualization is not limited any more to school and Geography classes. In a period of high circulation of environmental images, we propose to think which function has Geography as a school subject. In other words, what can Geography do in order to promote a richer encounter with these images both in personal and social level?

KEY WORDS

ENVIROMENT- IMAGES- VISUAL CULTURE- TEACHING

\* Investigadora Asistente CONICET-Centro de Investigaciones Geográficas Tandil- Argentina  
vhollman@gmail.com vholman@conicet.gov.ar

## Introducción

La posibilidad de “verlo todo” constituye, sin duda, una singularidad de nuestro tiempo (Arfuch, L. 2006). Este *todo* también incluye la posibilidad de *ver* el impacto ambiental y hasta las catástrofes ambientales<sup>1</sup>. Ya sea como archivo, registro, prueba, testigo, documento (Arfuch, L. 2006), las imágenes han sido utilizadas para dar cuenta de esta transformación de la naturaleza y advertir sobre sus posibles consecuencias. En este sentido, no es una novedad indicar que las imágenes, han desempeñado un papel clave en la conformación de lo que podríamos denominar “conciencia ambiental”. Las imágenes -de diversos y variados géneros- muestran y denuncian un conjunto de problemas ambientales, la naturaleza “natural” en situación de riesgo, las movilizaciones de organizaciones ambientalistas, las áreas con mayor deterioro ambiental y hasta el “fin” de la naturaleza.

No resulta un dato menor que, en el mundo contemporáneo, el campo de circulación de estas imágenes y los contextos de encuentro con ellas se amplíen y diversifiquen. En muchos casos, particularmente para los niños y jóvenes, los contextos de visualización de estas imágenes ya no se circunscriben exclusivamente a la escuela y a las clases de Geografía. Las pantallas de visualización comprenden desde las paredes de la ciudad -con diversas expresiones gráficas y artísticas-, los medios gráficos -revistas, diarios y ediciones *on line*-, el cine, la televisión y hasta los sitios de Internet como *YouTube*<sup>2</sup>. Se impone como interrogante qué rol le cabe a la Geografía escolar en relación a las imágenes, específicamente a aquellas que acercan diversas temáticas ambientales a las nuevas generaciones. En otras palabras, en un período de gran producción y circulación de imágenes sobre temas ambientales ¿Qué puede aportar la Geografía escolar a los jóvenes para que el encuentro con estas imágenes sea más rico, plural y fructífero a nivel personal y colectivo? ¿Qué y cómo podríamos hacer para que esas imágenes tomen posición para nuestros alumnos?

Una extensa tradición en la Didáctica de la Geografía, valoriza las imágenes como un recurso didáctico, particularmente apropiado para la enseñanza de ciertos contenidos de la disciplina en todos sus niveles<sup>3</sup>. Algunas obras, ya clásicas en el campo de la Didáctica de la Geografía, como *Geography in Education* de Norman Graves, inclusive afirman la autoridad de lo visual como método de enseñanza de conceptos, principios y teorías. Otros manuales, de publicación más reciente, profundizan el análisis de las virtudes asociadas a la incorporación de materiales visuales en la enseñanza geográfica (Moreno Jiménez y Marrón Gaité, 1996). En efecto, desde este campo suelen enaltecerse las posibilidades que se abren a través de las imágenes: “[...] informar, motivar, reforzar, relajar, completar, crear lenguaje, concretar conceptos [...]” (Zárate Martín, 1996: 243). Sin embargo, las imágenes no promueven estas “habilidades” por sí mismas y de manera automática. Por ello, en consonancia con otras investigaciones en el campo de los estudios visuales, sostenemos que es necesario enseñar a mirar las imágenes y a trabajar con ellas<sup>4</sup>.

Proponemos imaginar preguntas y estrategias, como posibles itinerarios a recorrer desde la Geografía, a efectos de propiciar un encuentro más rico y desafiante con las imágenes. La selección de las imágenes, no pretende limitar la discusión, ni catalogar a algunas de ellas como más o menos apropiadas para la enseñanza de los temas ambientales. Por el contrario, busca identificar claves para resignificar la Geografía como una disciplina que puede contribuir en un proceso, cada vez más necesario, de “alfabetización visual”<sup>5</sup>.

### Primeros itinerarios: la reconstrucción de una mirada a partir de un relato

El 12 de Abril de 2011 asistimos a un evento que tal vez, para muchos adultos pasó inadvertido, debido a su escasa sintonía con las nuevas pantallas de visualización de imágenes: en el sitio *YouTube* se estrenó mundialmente y

<sup>1</sup> Recientemente hemos atravesado la experiencia de ver de manera simultánea, a través de diversas pantallas, los posibles efectos ambientales relacionados a la fuga radioactiva en la central nuclear de Fukushima (Japón) producidos a posteriori de los fenómenos naturales: terremotos y tsunamis (2011).

<sup>2</sup> Cabe destacar que en este sitio no sólo es posible visualizar de manera gratuita imágenes, sino “colgarlas” para que puedan ser visualizadas por audiencias cada vez más amplias y diversas. En mi trabajo como docente he podido constatar que muchos jóvenes suelen ingresar a este sitio cuando están aburridos para “ver” que pueden encontrar. El sitio permite moverse en una suerte de árbol: cada imagen seleccionada abre una especie de rama disponible para ser explorada.

<sup>3</sup> Si bien la utilización de imágenes en la enseñanza de la Geografía se asocia por lo general a los niveles primario y secundario, existen trabajos que evidencian también esta preocupación en el nivel universitario. Véase Sanders (2007) sobre las habilidades que es posible desarrollar a través de la fotografía en la enseñanza de temas urbanos en el nivel de grado; Rose (2003) sobre la autoridad otorgada a las imágenes en la geografía académica así como las respuestas críticas que diversos autores realizan en la revista *Antipode* a esta última autora: Véase Matless, 2003; Crang, 2003; Ryan, 2003; Thornes, 2004; Driver, 2003.

<sup>4</sup> Sobre las políticas y pedagogías de la mirada véase la compilación de Dussel y Gutierrez (2006)

<sup>5</sup> Véase Kress (2003) acerca de las limitaciones de la aplicación del concepto de alfabetización para el campo de las imágenes.

de manera simultánea la película *First Orbit*<sup>6</sup>. La circulación gratuita de la película, generó la organización de encuentros en diversas ciudades de setenta y tres países, según se documenta en el sitio oficial de Internet. Cabe agregar, la posibilidad de seguir el evento a través de las redes sociales como *Twitter* y *Facebook*. La semana posterior al estreno, ya habían visto la película unos 2.6 millones de personas.

La película, de género documental, reconstruye la mirada de la Tierra descrita por el cosmonauta ruso Yuri Gagarin, en el transcurso de un viaje orbital realizado en 1961. Si bien el archivo fílmico de Gagarin en el entrenamiento, preparándose para su vuelo y en su gira mundial es muy amplio, las tomas de su vuelo real casi no existían. En cambio, se conservaba un registro sonoro que albergaba las descripciones realizadas por el viajero: los elementos más visibles, una secuencia de aparición en su campo visual, los momentos de visualización y las emociones que surgían o evocaban los elementos identificados. El documental, dirigido por Christopher Riley, combinó el registro sonoro ya existente, con imágenes filmadas en tiempo real en el año 2010.

Imagen 1: La portada de *First Orbit* en el sitio oficial de Internet



Fuente: Sitio Oficial de Internet de *First Orbit*

¿Cómo vio la Tierra Gagarin desde una altitud variable entre 175 y 380 km?; ¿Qué elementos de la Tierra le resultaron más visibles e identificables? Seguramente, en esa época, muchas personas se hacían estas preguntas y, ante la ausencia de un registro visual, construyeron sus propias imágenes a partir de las descripciones del cosmonauta. Es decir, los relatos de Gagarin se convirtieron en una poderosa usina de imágenes en esa época y cincuenta años más tarde, fueron reconstruidos en el formato de una película documental.

Este proceso de reconstrucción no fue sencillo, y requirió la participación de la Agencia Espacial Europea y de un especialista en mecánica orbital<sup>7</sup>. La instalación de una nueva cúpula en la Estación Orbital Internacional fue el primer elemento que facilitó la producción de estas imágenes. Como el recorrido orbital no es siempre igual, se debieron efectuar una serie de estudios y cálculos de modo tal de capturar las imágenes de la Tierra con la mayor similitud posible en relación al recorrido, el horario y la incidencia de la luz. La producción no terminó allí: fue necesario combinar la filmación con las tareas habituales de la tripulación durante el viaje, y realizar una preparación técnica para que pudieran capturar las imágenes. El recorrido efectuado en el año 2010 no mantuvo las mismas altitudes, por ello se recurrió a variar la velocidad de las imágenes con el fin de garantizar que la película cubriera correctamente los lugares por los cuales pasó el cosmonauta ruso. La música, cuidadosamente elegida, también formó parte de la reconstrucción del ambiente de aquel viaje, al colaborar activamente en la recreación de las emociones vividas. La película ofrece un guiño a modo de regalo y homenaje, al reconstruir una mirada deseada pero no lograda en aquel entonces: la luna creciente que Gagarin no pudo ver, aparece, esta vez, en el campo visual de los espectadores.

La producción y circulación de este documental, nos sugiere algunos itinerarios que podríamos recorrer, con la finalidad de pensar la educación de la mirada desde la Geografía. En primer lugar, la historia de producción de este documental, nos posibilita demostrar que las imágenes -en todos sus géneros- son construcciones. Esto podría resultar una obviedad, sin embargo, algunos géneros de imágenes en virtud de su realismo -particularmente las fotografías y las películas- producen el efecto de borrar los indicios e implicancias propios de su construcción. La producción de este documental evidencia un cuidadoso proceso de cálculo, selección, entrenamiento y montaje. En segundo lugar, la posibilidad de acceder libremente a la visualización del

<sup>6</sup> En Argentina, uno de los diarios de mayor tirada a nivel nacional, publicó la noticia en la edición de papel, en tanto que en su sitio de Internet difundió su estreno mundial a través de YouTube.

<sup>7</sup> Para mayores detalles véase el sitio oficial de la película, sección How we made the film?

documental y su estreno mundial en simultáneo, se ligan a la idea del funcionamiento de la Tierra como una totalidad. Aquí sería oportuno explorar la relación entre las nuevas tecnologías de la comunicación e información y las diferentes formas de visualización. ¿Cómo nos permiten ver la Tierra las diferentes tecnologías? ¿Qué tecnologías de visualización, a lo largo de la historia de la relación sociedad-naturaleza, han facilitado una mayor exploración y conocimiento de la Tierra? ¿Qué limitaciones y qué fortalezas ofrecen las diferentes imágenes capturadas y puestas en circulación a través de distintas tecnologías?

Otro recorrido posible para enseñar a mirar las imágenes desde la Geografía, consistiría en acercar diversas representaciones de la Tierra, producidas en diferentes momentos históricos, compararlas, identificar lo que incluyen y excluyen, las técnicas de representación que se mantienen a lo largo del tiempo y aquellas que han cambiado.

#### **Ver la Tierra... Mirar un Planeta: las imágenes de la "causa ambiental"**

En cada sociedad y momento histórico, existe un grupo de convenciones que delinear y estipulan qué, cómo y en qué momento ver. Es decir, a lo largo de nuestra vida y en virtud de nuestra pertenencia a un grupo social y a un tiempo histórico preciso, el ojo va siendo entrenado para ver y fijar su atención en determinados objetos o situaciones, como así también para atribuirle sentido a lo que vemos. Aunque ver y mirar nos remiten al sentido de la vista, en estas acciones se ponen en juego muchas más variables que la estricta experiencia sensorial. Ver "[...] sugiere el acto pasivo de detectar el mundo exterior con el ojo" (Cosgrove, D. 2002: 70). Mirar, en cambio, significa dirigir la vista implicando "[...] un movimiento intencionado de los ojos hacia el objeto de interés" (Cosgrove, D. 2002: 70).

La posibilidad de ver en forma directa a la Tierra como una totalidad desde el espacio, ha estado limitada a un reducido número de personas. Empero, las crecientes posibilidades técnicas de capturar imágenes de la Tierra desde el espacio, han facilitado que muchos podamos incorporar en nuestra memoria visual esta forma de ver nuestro planeta. La fascinación que ejercen estas imágenes -tal vez por el hecho de que no podamos acceder a esta visión en forma directa- ha sido acompañada por la construcción de nuevas miradas<sup>8</sup>. El geógrafo cultural Denis Cosgrove (2008) postula que una serie de imágenes

han permitido construir la mirada de la Tierra como organismo vivo y, por consiguiente, regido por las leyes de un orden biológico. Rastreado los orígenes de esta nueva *visualidad*, Cosgrove encuentra que las fotografías tomadas de la Tierra en los viajes a la Luna entre 1968 y 1972, comenzaron a ofrecer una imagen testigo del globo terrestre: el agua y el aire, como elementos biofísicos, destacan su carácter de organismo planetario. La Tierra comienza a ser vista como un lugar único, pequeño refugio de la vida, frágil, finito y solitario. La descripción realizada por uno de los astronautas de la expedición Apolo 8 expone una de las miradas posibles<sup>9</sup>:

"La Tierra lucía tan pequeña en los cielos que había momentos que tenía dificultades para encontrarla. Si ustedes logran imaginarse a sí mismos en un cuarto totalmente oscuro con un sólo objeto visible, una pequeña esfera azul y verde del tamaño de un adorno para un árbol navideño, entonces podrán comenzar a captar cómo se ve la Tierra desde el espacio. Creo que todos nosotros suponemos que la Tierra es infinita. Permítanme asegurarles que en lugar de pensarla como algo gigante e infinito tendríamos que pensarla como un frágil adorno del árbol de Navidad, al cual debemos tratar con mucho cuidado" (Citado en: Cosgrove, 1994. Traducción propia).

Si colocamos las palabras "Planeta Tierra" en el buscador de imágenes *Google*, encontraremos unas 660.000 imágenes. Gran parte de ellas, contienen elementos de las fotografías tomadas por la NASA durante los años sesenta y setenta del siglo XX. En la Imagen 2, presentamos tan solo tres de las imágenes que podemos encontrar en esta búsqueda virtual. Con finalidades disímiles, se apela a una misma imagen: una empresa que trata de mostrar su preocupación por el cuidado ambiental, una organización no gubernamental que busca colocar en la agenda política un problema ambiental y una empresa que pretende mostrar el alcance del servicio que ofrece.

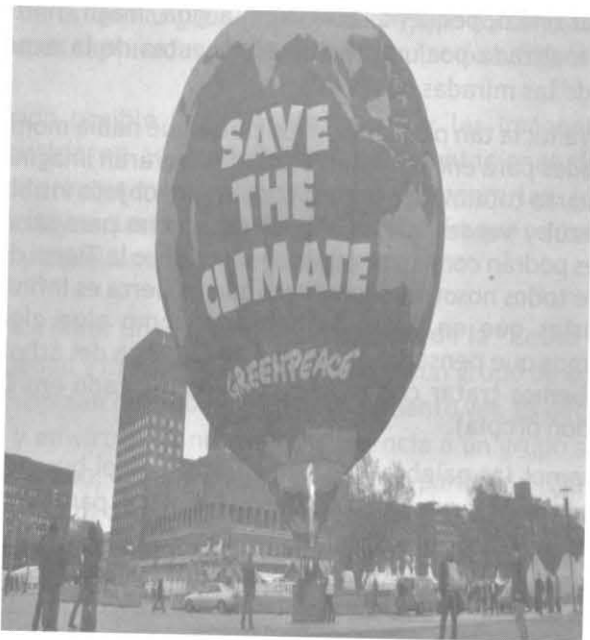
¿Qué miradas se han ido construyendo en torno a una serie de imágenes de la Tierra? ¿Qué nos atrapa de estas imágenes que muestran a la Tierra en su totalidad desde el espacio? Las imágenes de la "causa ambiental" -ríos contaminados, bosques quemados, áreas saturadas de residuos, chimeneas que contaminan el aire, especies que ya no existen-, de acuerdo a la argumentación de Susan Sontag en relación a las imágenes de la guerra, "reiteran, simplifican, agitan". ¿Cómo se articulan las imágenes de la Tierra vista desde el espacio, con aquellas que nos ofrecen la posibilidad de mirar

<sup>8</sup> Sobre los mapas como imágenes y su poder persuasivo véase Lois (2009)

<sup>9</sup> En esta expedición se capturó la imagen Earthrise (Diciembre 1968).

con distancia el dolor de otros, en términos ambientales? Postales del horror, pero siempre, un horror distante que nos coloca en la posición de espectadores. Podríamos preguntarnos entonces: ¿Qué nos *autorizan* a ver? ¿Qué nos *impiden* ver? Ante la reiteración de imágenes de desastres ambientales ¿Nos conmovemos? ¿Nos volvemos insensibles?

Imagen 2



Fuente: <http://greenpeaceblong.wordpress.com/>



Fuente: Revista Viva 25 de Abril 2003



Fuente: Revista Viva 24 Agosto 2007

### Itinerarios abiertos para imaginar

*Dar a ver es siempre inquietar el ver, en su acto, en su sujeto. Ver es siempre una operación del sujeto, por lo tanto una operación hendida, inquieta, agitada, abierta. (G. Didí- Huberman, 2006: 47)*

En una investigación, realizada recientemente con alumnos de Geografía en escuelas secundarias en dos ciudades de Argentina, relevamos que la observación es una de las actividades que ellos más mencionan en sus trabajos con imágenes. Es decir, los profesores de Geografía proponen a los ojos juveniles que “observen” las imágenes, suponiendo así que ellos ya cuentan con los elementos para saber mirarlas. Aún más; dejan librada una imagen solamente a la observación y suponen que esta acción necesariamente implica entenderlas. En estas páginas, en cambio, sugerimos pensar desde la Didáctica otros recorridos que brinden claves para poder mirar las imágenes y poner en discusión su estatuto de “verdad”: indagar cómo fueron producidas, qué es lo que muestran, qué dejan afuera, con qué tecnologías de la visión fueron producidas, quién(es) las construyeron y cuáles son sus circuitos de circulación.

Así, la Didáctica de la Geografía dejaría de concebir a las imágenes como “cajas negras”, es decir, objetos que, valiosos por sus cualidades, pierden su carácter de construcciones y de representaciones de la realidad. También, sugerimos tomar una posición con respecto al encuentro con las imágenes. No es lo mismo mirar una serie de imágenes de desastres ambientales desde la



comodidad del sillón de la casa (que nos permite rápidamente cambiar de canal), que mirarlas desde el escenario escolar, con compañeros con quienes hablar sobre lo que nos producen, con adultos que pueden brindar claves para mirarlas y con una red que posibilite abandonar la posición de espectadores y comenzar a convertirnos en protagonistas.

Tal vez así, la Geografía escolar podría ser una invitación a recuperar esta operación de la cual nos habla el epígrafe: un ver, hendido en nuestra propia historia personal y social; un ver inquietante, en tanto lo que vemos nos mira; un ver agitado, pues nos moviliza, nos evoca situaciones, vivencias y experiencias; y un ver abierto que nos invita a imaginar otros modos de mirar.

#### Agradecimientos

Se agradece la edición de Cecilia Aimaretti y la invitación al Congreso realizada por el Prof. Rosemberg Ferraccini.

#### Bibliografía

- Arfuch, Leonor. 2006. "Las subjetividades en la era de la imagen: de la responsabilidad de la mirada." Pp. 75-84 in *Educación la mirada: políticas y pedagogías de la imagen*, edited by Inés Dussel and Daniela Gutierrez. Buenos Aires: Manantial.
- Dussel, Inés y Daniela Gutierrez. 2006. *Educación la mirada. Políticas y pedagogías de la imagen*, Buenos Aires: Manantial.
- Didi- Huberman, Georges. 2006. *Lo que vemos, lo que nos mira*. Buenos Aires: Manantial.
- Crang, Mike. 2003. "The hair in the Gate: visibility and geographical knowledge." *Antipode* 35: 238-243.
- Cosgrove, Denis 1994. Contested global visions: one world, whole earth, and the Apollo space photographs. *Annals of the Association of American Geographers* 84: 270-94.
- Cosgrove, Denis (2002) Observando la naturaleza: El paisaje y el sentido europeo de la vista. En: *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, 34. pp. 63-89.
- Cosgrove, Denis. 2008. *Geography & Vision. Seeing imagining and representing the world*. London: I.B. Tauris.
- Driver, Felix. 2003. "On geography as a visual discipline." *Antipode* 35: 227-231.
- Graves, Norman. 1977. *Geography in Education*. London: Heinemann Educational Books.
- Lois Carla. 2009. Imagen cartográfica e imaginarios geográficos. Los lugares y las

formas de los mapas en nuestra cultura visual. Geocrítica. SCRIPTA NOVA. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, Vol. XIII, núm. 298, 1 de septiembre de 2009. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-298.htm>.

Kress, Gunther. 2003. *El alfabetismo en la era de los nuevos medios de comunicación*. Málaga: Ediciones Aljibe.

Matless, David. 2003. "Gestures around the visual." *Antipode* 35: 222-226.

Moreno Jiménez, Antonio ; María Jesús, Marrón Gaité. 1996. *Enseñar Geografía. De la teoría a la práctica*. Madrid: Editorial Síntesis.

Ryan, James R. 2003. "Who's afraid of visual culture?" *Antipode* 35: 232-237.

Rose, Gillian. 2003. "On the need to ask how, exactly, is Geography "visual"?" *Antipode* 35: 212-221.

Sanders, Rickie. 2007. "Developing geographers through photography: enlarging concepts." *Journal of Geography in Higher Education* 31: 181-195.

Sontag, Susan. 2003. *Ante el dolor de los demás*. Buenos Aires: Alfaguara.

Thornes, John. 2004. "The visual turn and geography (response to Rose 2003 intervention)." *Antipode* 36.

Zárate Martín, Antonio. 1996. "Los medios audiovisuales en la enseñanza de la Geografía." Pp. 239-275 in *Enseñar Geografía. De la teoría a la práctica*, edited by Antonio ; María Jesús Moreno Jiménez, Marrón Gaité. Madrid: Editorial Síntesis.